

**CURSO DE ATOS – IBCU – OUT/NOV - 2014**

**AULA 9 – A Igreja de Antioquia envia Barnabé e Saulo – 1ª viagem missionária. Ilha de Chipre – Elimas; Sérgio Paulo; Saulo passa a ser chamado de Paulo. Viagem para Perge e a desistência de João Marcos. Chegada a Antioquia da Psídia; Pregação de Paulo; Reação dos helenistas e definitiva dedicação aos gentios. (At 13.1-52)**

**9.1 – Novamente a Igreja de Antioquia (At 13.1-3)**

Os capítulos 13 e 14 de Atos dos Apóstolos (que a partir daqui poderiam ser chamados ‘Atos do Apóstolo Paulo’) registram a chamada ‘1ª viagem missionária de Paulo’. Na realidade, muito além disso tem lugar o alargamento do horizonte que contempla o cumprimento da terceira parte das últimas palavras de Jesus antes da sua ascensão: “...e até aos confins da terra.” (At 1.8b). A igreja primitiva estava suficientemente madura para tomar a mais importante de todas as suas decisões. Sob a direção do Espírito Santo, a comunidade mais representativa da diversidade que a igreja deveria sempre ter, é sensível ao que Deus fala. Essa sensibilidade se desenvolve enquanto servem ao Senhor, jejuam, oram e vivem em comunhão apesar da grande diversidade dos membros, especialmente de seus líderes. Os profetas e mestres que havia naquela igreja eram de tal forma diferentes entre si, que já simbolizavam o chamado universal do evangelho. Barnabé era um judeu originário de Chipre. Simeão era também judeu, mas alcunhado de Níger (nome romano), o que indicava que poderia ser procedente da África (muitos imaginam que tenha sido ele o Simão Cireneu que foi obrigado a carregar a cruz de Jesus, e consideram também que seus filhos Alexandre e Rufo foram conhecidos mais tarde na comunidade cristã – Mc 15.21; Mt 27.32; Lc 23.26). Lúcio era de Cirene, no norte da África e, deveria ter sido um daqueles que, sendo de Chipre e Cirene tinham vindo a Antioquia para anunciar o evangelho também aos gregos (At 11.20). Manaém pode ter sido o mais fascinante de todos, pois tinha sido criado como irmão de leite de Herodes Antipas (o tetrarca), que havia mandado decapitar João Batista. Saulo, um judeu de Tarso, na Cilícia, era também um rabi.

Naquela época, os profetas não pertenciam a uma igreja local e se caracterizavam por um ministério itinerante em que se dedicavam a ouvir a palavra de Deus e transmiti-la a seus irmãos na fé. Já os mestres pertenciam às igrejas locais e se dedicavam a instruir aqueles que aceitavam a mensagem. Essa liderança, sensível a voz do Espírito Santo, reconheceu o chamado de Barnabé e de Saulo, e formalizou o envio “...para a obra que os tenho chamado.” (At 13.2b). O texto não é explícito,

mas essa formalização se dá com o envolvimento de toda a igreja, conforme fica claro na volta, quando apresentaram à igreja o relatório da missão cumprida (At 14.26-28). Interessante também notar que, aparentemente, nem os dois nem a igreja, sabiam exatamente o roteiro e o detalhamento das etapas da missão, mas apenas a essência dela, da mesma forma como Abraão foi chamado (Gn 12.1-3). Um lição a ser aprendida do episódio é a que se refere ao fato de que o chamado de Deus é pessoal, mas também é manifestado e confirmado na e pela igreja. Isso nos ajuda a evitar os extremos do individualismo e o da institucionalização excessivos.

### 9.2 – Na ilha de Chipre (At 13.4-12)

Apenas 16 anos após a ressurreição de Jesus, tem início a grande guinada da missão da igreja em direção aos gentios e aos confins da terra. Veremos em todo o livro de Atos, o que também é bem claro nas informações contidas nas epístolas, que em grande parte do mundo contemplado pelo império romano, havia uma extensa rede de sinagogas. Isso representava o resultado da grande diáspora iniciada muitos e muitos anos antes e que agora se constituía no que as escrituras identificam como ‘plenitude dos tempos’. O cenário, que havia sido preparado por Deus para a sua intervenção na história com o nascimento, ministério terreno, crucificação, ressurreição e ascensão de Jesus, estava pronto para que as Boas Notícias da Salvação fossem espalhadas, ‘sem impedimento algum’. Era chegada a undécima hora. Expressão usada para assinalar o momento imediatamente anterior a um grande acontecimento, que no caso era a manifestação da glória do Senhor na sua segunda vinda. A partir de então estamos da expectativa da segunda vinda de Cristo: ‘Maranata’. Desde então “...: *O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo;*” (Mc 1.15), nas próprias palavras de Jesus. Paulo em Gálatas e também em Efésios se refere a essa ‘plenitude dos tempos’ (Gl 4.4 e Ef 1.10). Essa convicção de urgência é que deu aos irmãos da igreja primitiva o ímpeto de continuarem proclamando o evangelho. Infelizmente, com o passar do tempo, a igreja do Senhor Jesus parece ter caído na tentação da acomodação, de alguma forma retardando a volta gloriosa de Jesus e esquecendo-se de que “...*será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.*” (Mt 24.14). Assim, Barnabé e Saulo saíram de Antioquia, descendo até a cidade portuária de Selêucia, bem próxima, e embarcaram para a ilha de Chipre, chegando a Salamina, no extremo leste da ilha. Desde o início, o ponto inicial de contato com a população local, se dava através das sinagogas ali

existentes. Não temos maiores informações além do fato de que “...anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas; tinham também João como auxiliar.” (At 13.5). O registro referente a João Marcos, não esclarece se ele estava auxiliando Barnabé e Saulo na pregação ou em algum serviço de apoio logístico. O fato é que, aparentemente, e até pelo que ocorre depois, João Marcos não devia ter tido o mesmo chamado de Barnabé e Saulo, e nem tampouco ter sido enviado pela igreja. Mais provavelmente seguiu a convite de Barnabé, seu primo, ou até de ambos. Logo atravessaram a ilha na direção oeste, percorrendo uma distância de aproximadamente 145km, o que poderia ser chamada ‘uma turnê evangelística por toda a ilha’.

Chegaram a Pafos, a capital da ilha. Chipre era uma província romana importante por suas minas de cobre e pela sua indústria naval. Devido ao clima excelente e facilidade de comércio e produção agrícola, era chamada também de ‘Makaria’, ou ‘Ilha Feliz’. No entanto a cidade de Pafos era também tristemente famosa pelo culto a Vênus (a deusa do amor), que era sinônimo de imoralidade e luxúria.

Quatro acontecimentos marcam a passagem dos nossos missionários por Pafos: O encontro com o mágico e falso profeta Barjesus (conhecido também por Elimas); A conversão do governador (procônsul) de Chipre Sérgio Paulo; A troca da liderança entre Barnabé e Saulo; Saulo passando a ser conhecido por Paulo, daí em diante.

O encontro com o mágico, de certa forma, levou os dois a terem contato com o governador. O interesse de Sérgio Paulo em ouvir a palavra de Deus, fez acirrar-se a oposição de Elimas por perceber ele que isso provavelmente faria com que viesse a perder a influência que tinha sobre o governador e também, conseqüentemente, ver diminuídas suas possibilidades de lucro com suas falsidades. Paulo então, já assim chamado por Lucas, cheio do Espírito Santo o confronta de forma dura chamando-o de ‘filho do diabo’. Interessante o fato de Paulo usar essa expressão como um jogo de palavras para contrastar com o próprio nome do mágico: Barjesus, ou filho de Josué ou Jesus. Paulo é assim o instrumento de Deus para realizar, diante de Sérgio Paulo, algo que o levou a crer no Senhor: fez com que Elimas ficasse cego por algum tempo. A partir desse episódio em Pafos, Paulo, e não mais Barnabé é quem assume a liderança da missão.

Quanto a mudança do chamamento de Saulo para Paulo, deve se considerar que desse momento em diante sua vida e ministério voltou-se definitivamente para os gentios, num mundo romano. Saulo era um nome

hebraico, que pode ter sido seu nome de família, e pelo qual também era conhecido depois que foi de Tarso para Jerusalém estudar aos pés de Gamaliel. Embora judeu, Saulo era natural de Tarso, na Ásia Menor, onde viveu seus primeiros anos e até obteve a cidadania romana. É provável que Paulo tenha sido o nome romano que já usava desde sua infância, em Tarso, e que agora voltava a ser usado.

### 9.3 – A viagem para Perge e a volta de João Marcos (At 13.13,14)

Já agora definitivamente na liderança do grupo, “...,Paulo e seus companheiros...” (At 13.13a) dirigiram-se a Perge da Panfília. Haviam navegado de Pafos, em Chipre (terra de Barnabé), para o porto de Atália na Ásia Menor (hoje Turquia), no litoral sul da terra natal de Paulo. De lá seguiram por cerca de 19km para Perge na região da Panfília. Nesse ponto da viagem, quando se preparavam para atravessar para Antioquia da Psídia, tendo de enfrentar uma dura e perigosa viagem pelos montes Taurus afim de chegarem ao destino programado, João Marcos “...,apartando-se deles, voltou para Jerusalém.” (At 13.13b). Qual teria sido o motivo? Não sabemos. No entanto algumas hipóteses especulativas são levantadas. Terá sido porque estaria com saudades de sua mãe? Ou quem sabe teria ficado ressentido porque a ‘sociedade missionária’ Barnabé-Saulo havia-se transformado em Paulo-Barnabé, ficando seu primo e protetor em posição secundária? Será que ele, como membro fiel da igreja judaica conservadora de Jerusalém não estava concordando com o programa de evangelização dos gentios adotado por Paulo? (poderia ter sido ele quem, voltando a Jerusalém, provocou a oposição dos judaizantes contra Paulo, conforme At 15.1ss). Ou será simplesmente que ele não queria enfrentar a dura escalada das montanhas Taurus, infestadas de salteadores? Ou será que, por Paulo estar doente ele considerava imprudente a determinação de viajar para o norte passando pelas montanhas? (ao escrever sua carta aos gálatas, mais tarde, Paulo registra em Gl 4.13, que estava enfermo quando pregou a eles pela primeira vez). Efetivamente não sabemos qual o motivo da deserção de João Marcos. O que sabemos é que Paulo e Barnabé continuaram mesmo sem ele, e que, 20 anos mais tarde, ele se recuperou e se tornou útil para o ministério de Paulo: “Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério.” (2Tm 4.11b).

### 9.4 – Em Antioquia da Psídia (At 13.14-52)

Antioquia da Psídia pertencia à Frígia. Era uma colônia romana e também o centro administrativo da parte sul da imensa província da Galácia. Como também em outras regiões do império romano, as sinagogas cumpriram

um papel importantíssimo na expansão do cristianismo. Ao chegarem a Antioquia, naturalmente foram no sábado à sinagoga e se assentaram. O culto começava com o 'Shema' (O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus....) e algumas orações. Prosseguia com duas lições, uma do pentateuco e outra dos profetas, seguidas de um sermão expositivo, e terminava com uma bênção. *"Depois da leitura da lei e dos profetas"* (At 13.15a), que naquele dia podem ter sido Dt 1 e Is 1 (por causa das citações de Paulo no seu sermão a seguir), *"os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a."* (At 13.15b). Provavelmente reconheceram que Paulo era rabino devido à sua roupa. Nesse momento Paulo se levanta e prega. Este registro de Lucas é o único sermão completo de Paulo, e que se comparado ao sermão de Pedro no Pentecostes vemos que os elementos principais são os mesmos. Como introdução, 'a preparação do Antigo Testamento' (At 13.16-25). O centro do sermão, 'a morte e a ressurreição de Jesus' (At 13.26-37). A conclusão do sermão, 'a escolha entre a vida e a morte' (At 13.38-41). As consequências do sermão, 'uma reação heterogênea' (At 13.42-52).

A reação imediata, descrita nos versos 42-44, foi extremamente favorável, ao ponto de serem instados para voltar e repetir o que havia sido dito, no sábado seguinte. No entanto, devido ao grande interesse manifestado pelo povo da cidade que afluía, levantou-se uma forte oposição de grande parte dos judeus (At 13.45). Os versículos finais do capítulo 13 descrevem com detalhes a grande inflexão no ministério de Paulo e Barnabé, dos judeus para os gentios, devido a rejeição dos judeus. Paulo então cita as profecias de Isaías sobre o Servo do Senhor (Is 42.6 e 49.6) e o cântico de Simeão com Jesus nos seus braços no Templo (Lc 2.32), e os aplica àquele momento: *"Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até os confins da terra."* (At 13.47). Fruto da perseguição e expulsão de Antioquia que se seguiu, Paulo e Barnabé foram para Icônio (e depois Listra e Derbe) que situava a sudeste. Mas o resultado em Antioquia da Psídia foi que *"Os discípulos, porém, transbordavam de alegria e do Espírito Santo."* (At 13.52).